

PCB tenta retomar a hegemonia na esquerda



O Partido Comunista Brasileiro joga no presente, mas aposta no futuro. Ao disputar as eleições presidenciais com candidato próprio, o "Partidão" não quer somente marcar posição, mas principalmente lutar pelo que perdeu há mais de 20 anos: a hegemonia entre as forças de esquerda. A informação é do candidato Roberto Freire, projetado pela campanha eleitoral como primeira liderança pública e nacional do partido depois de Luís Carlos Prestes, há uma década rompido com o PCB. O primeiro alvo dos comunistas, nesta luta, é o PT de Lula.

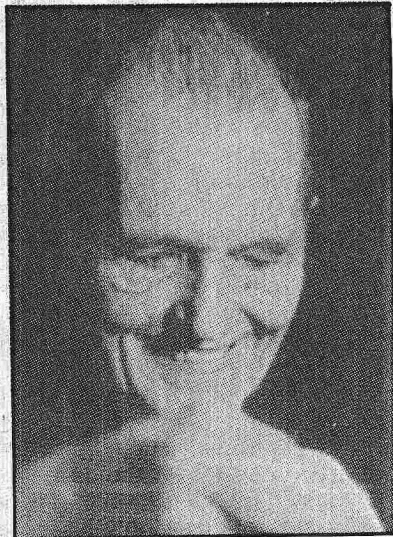
— A hegemonia na esquerda não está resolvida. Nem mesmo dentro do PT há uma concepção socialista hegemônica — dispara Freire, que nega, no entanto, que haja algum intuito em disputar espaço especificamente com os petistas.

Os dirigentes do PCB explicam que o partido pretende, com a atual campanha, começar a lutar pela

constituição de um novo "bloco histórico" de forças políticas. Durante o regime militar, o PCB defendia a chamada "frente democrática", com lugar para todos os que se opunham ao autoritarismo, inclusive setores "conservadores". Atualmente, defende a formação de uma aliança de classes que envolva a classe operária, a pequena burguesia urbana e os pequenos e médios empresários da cidade e do campo, sob a hegemonia política e ideológica dos trabalhadores. O projeto que uniria estes agrupamentos sociais, para o PCB, seria o chamado "socialismo renovado".

A discussão sobre "socialismo renovado", aliás, é uma das vitórias que os comunistas garantem ter conseguido na atual campanha eleitoral. Nos ventos soprados pela crise do "socialismo real" nos países do Leste europeu, o PCB propõe o socialismo com democracia e com espaço para a iniciativa privada, além de dar atenção às eventuais mudanças causadas pela revolução científica e tecnológica. Os comunistas acham que sairão

21-10-89



Prestes: contra 'socialismo renovado'

das eleições com pelo menos outros dois gols: terem rompido, em parte, com preconceitos anticomunistas

arrraigados na sociedade brasileira e terem recuperado um pouco do prestígio que tinham entre artistas e intelectuais até os anos 60.

A convicção de que precisavam abrir seus próprios espaços levou os comunistas a não atenderem aos apelos do PT, do PSB e do PC do B para formar com estes partidos a Frente Brasil Popular, para apoiar o petista Luís Inácio Lula da Silva. Esta disposição foi apresentada por representantes do PCB ao Deputado estadual José Dirceu (PT-SP), em reunião em São Paulo, no início do ano. Diante da oferta de se integrarem à aliança que ainda se formava, os representantes do PCB argumentaram que precisavam disputar independentemente as eleições para não perderem a identidade.

Esta é, na verdade, a primeira vez que um candidato comunista e declaradamente do PCB — na legalidade — disputa eleições presidenciais no Brasil. O engenheiro Yedo Fiúza, que foi lançado pelo "Partidão" em 1946, não era marxista-leninista.